

Autor:

Maria-Augusta Araújo

Título:

Gravadores Estrangeiros na Corte de D. João V

Resumo:

O século XVIII é, maioritariamente, considerado um século Calcográfico e os anos que decorrem durante a vigência do rei D. João V marcam um período áureo no cenário da arte dos burilistas em Portugal. As obras de grande valia cultural que esta figura régia propicia, através da importação massiva de obras, estampas francesas, holandesas e italianas, bem como numerosos gravadores estrangeiros, espelham e favorecem não só um considerável desenvolvimento, mas também um franco progresso das artes em geral e da gravura em particular.

A dependência total face aos ventos vindos de França e aos modelos europeus, bem como a magnificência de muitas das medidas avançadas pelo monarca, tiravam definitivamente o país do marasmo e do empobrecimento dos valores artísticos e culturais que o panorama geral das artes sustentou em cerca de um século.

A conjuntura então criada pelo *Magnânimo* mostrou-se muito fértil no campo da vida literária e artística, em que as artes são favorecidas através do mecenato e das determinações protectoras do nosso soberano. No que diz respeito à gravura artística sobre metal, designadamente a ilustração do livro, reveste-se de importância a criação da *Academia Real da História Portuguesa*, em 1720. Sabe-se que uma das disposições prescritas pela Instituição era «o estabelecimento de uma oficina gráfica, onde se pudessem imprimir as obras dos académicos mesmo as ilustradas com estampas gravadas pelos processos mais modernos em todas as grandes nações da Europa: o talho-doce e a água-forte.».

A gravura a talho-doce não só irá ter agora um papel notável no foco áulico joanino e viverá um período verdadeiramente fulgurante, como irá ainda ser acrisolada e desenvolver-se-á na sua plenitude, quer pela notável qualidade plástica atingida na arte de ilustrar o livro, como testemunham muitas das nossas magníficas portadas e frontispícios, cabeções, vinhetas e letras capitais, quer ainda no retrato de corte e nas mais variadas estampas avulsas.

Assim, nesta comunicação procuraremos não só dar a conhecer e realçar uma parte de um fabuloso conjunto de espécimes gravados durante o período joanino, afortunadamente conservados e guardados, em colecções de estampas das nossas bibliotecas e museus, como destacar alguns dos nomes de gravadores estrangeiros, nomeadamente o de François Harrewijn, Guilherme Francisco Lourenço Debrie, Pierre Antoine Quillard, Pedro Massar de Rochefort ou Michel le Bouteux, verdadeiros mestres do buril, água-fortistas, desenhadores e abridores de estampas que maior contributo deram para o enobrecimento da gravura artística portuguesa coeva.